

«**M**ATTHEW, está vendo como a água fica mais transparente em redor da ilha, onde é menos profunda?», perguntou Mike Sperber a seu filho de 14 anos. «Daqui a pouco, o mar fica mais fundo e você vai ver uma grande mudança na cor.»

De cara colada à janela do Aero Commander 500, Matthew observou o oceano Atlântico mudar repentinamente de cor, passando de azul-celeste para quase negro. Por vezes, ele desejava que o pai não fosse tão mandão: era sempre «veja isto» ou «faça aquilo». Mas tinha se divertido nos cinco dias de pesca ao largo de Walker's Cay, nas Bahamas, que acabara de passar com o pai e o melhor amigo deste, J. B. Stephens.

«É aqui que os peixes realmente

grandes estão», prosseguiu Sperber, que regressava com o filho à Flórida. «Atum, cachalote, até tubarão.»

Sentado ao lado de Jerry Langford, o piloto, Sperber espiou para trás para ver o filho. Eram 17.20 daquele domingo dia 4 de agosto de 1991.

De repente, um grande estrondo se sobrepôs à sua voz e os motores do avião silenciaram. «Pai», perguntou Matthew, «o que...»

Sua voz foi cortada por uma segunda explosão. O avião de seis passageiros estremeceu e começou a mergulhar.

Langford, homem de 49 anos, mexeu desesperadamente no painel de instrumentos, acabando por ligar o rádio na frequência de emergência. «Atenção! Atenção!», comunicou, «falha total dos dois motores!»

Com um rugido de explosão, o avião despencou no oceano. Um homem e seu filho adolescente estavam a apenas alguns segundos da morte.

PERDIDOS NO

DEBORAH MORRIS

«Vire à direita!», gritou Sperber, «acabamos de passar por um barco ali atrás.»

Mas quando Langford fez a manobra, o aparelho se inclinou, assumindo uma posição alarmante. «Vamos cair!», gritou ele.

Rapidamente, os passageiros vestiram os coletes salva-vidas. «Afivalem os cintos!», disse Langford em tom de aflição.

Para Matt, parecia que o banco deslizava por baixo dele. «Matthew», disse-lhe o pai, «quando batermos na água, não espere por mim. Saia imediatamente. Você entendeu?»

«Sim, senhor.» O jovem sentia o coração na boca, o que lhe tornava difícil a respiração. Gritou então: «Pai, gosto muito do

senhor!» Segundos mais tarde, o avião se chocava contra a água.

EM CASA, na zona ocidental de Palm Beach, na Flórida, Betty Sperber acabava de fazer um bolo de chocolate. A elegante enfermeira de cabelo escuro e 43 anos aguardava Mike e Matthew para jantar, cerca das 17.30.

Quando passou das 18.00, Betty começava a ficar preocupada. Pouco antes das 19.00, o telefone tocou. Era um amigo de J. B. Stephens. «O avião deles caiu no mar!»

Falando com a Guarda Costeira, Betty não conseguia acreditar no que ouvia. Ao desligar, sua mente foi assaltada por imagens de pesadelo. «Não os deixe morrer!», orou, soluçando.



ATLÂNTICO

COM UM rugido de explosão, o avião despencou na água. Quando a fuselagem partiu e a água jorrou em seu interior, Matthew foi imediatamente impelido para a frente.

No assento do piloto, na pequena cabine, Langford estava agarrado à nuca. Tinha o colete salva-vidas pendurado em volta do pescoço, embora não estivesse totalmente cingido. A água chegava-lhe praticamente aos ombros.

«Abra a porta!», gritou Sperber para Stephens, que estava mais próximo da saída. Este, um homem de forte compleição, já na casa dos 50, começou a pressionar a porta com toda a sua força.

«Emperrou, Mike!», gritou ele. Lutando contra a água, que ia subindo, Sperber foi ajudá-lo. Matthew tentava abrir seu cinto, mas, para pânico seu, também este tinha encravado. «Pai!», gritou. «Não consigo desprender a fivela aqui!»

Enquanto Stephens continuava a forçar com seu ombro musculoso a porta, já submersa, Sperber voltou-se para ajudar o filho. Já só restava uma pequena bolsa de ar junto ao teto. Se não conseguissem sair dali em segundos, iriam todos ao fundo com o avião.

A água já passava do queixo de Matthew quando os esforços desesperados do pai para libertá-lo finalmente deram resultado. No mesmo instante, Stephens conseguiu empurrar a porta para dentro, voltando depois para agarrar no filho do amigo. Então, sem hesitar, lançou-se no oceano, arrastando-o consigo.

Pareceram levar uma eternidade para vir à tona. Quando finalmente chegaram à superfície, eles respiraram fundo, engasgando-se. Ar!

Arrastando o jovem para a asa do avião, Stephens disse-lhe: «Agarre aí.» Depois, mergulhou de novo, para ir em auxílio dos outros. Segundos depois, era a vez de Sperber surgir à tona, juntando-se ao filho na asa. Por fim, veio o piloto. Parecia atordoado, e seus óculos e colete salva-vidas tinham desaparecido. Segurando-o pelo braço, Stephens ajudou-o a chegar até onde estavam os outros.

Foi então que o avião começou a afundar. «Vamos sair daqui depressa!», advertiu Sperber. Nadando furiosamente, um de cada vez ajudou o piloto ferido a manter-se à superfície.

A cerca de 6 m dali, olharam os quatro para trás. O avião mantinha-se pouco abaixo da superfície, mas, após um longo momento de hesitação, deixou as águas claras, submergindo nas profundezas escuras.

Sperber assumiu desde logo o comando. «Vamos prender os coletes salva-vidas uns aos outros», propôs. «A corrente aqui é forte e não convém nos separarmos.»

Stephens continuava a agüentar o piloto ferido nos braços. «O Jerry está sangrando muito», comunicou. «Vai precisar de ajuda para se manter à tona.»

Matthew olhou então para o piloto, verificando que o cabelo deste estava manchado de sangue. Sperber olhou também e perguntou depois,

com calma, a Stephens: «E se os cinzentos aparecem?»

Intrigado, Matthew enrugou a testa. Que conversa era aquela? Foi então que entendeu: tubarões! Os tubarões conseguiam sentir o sangue na água.

«Acho melhor não falarmos disso, Mike», respondeu Stephens. «Podemos fazer alguma coisa pelo Jerry?»

Após diversas tentativas, usaram as calças do piloto para fazer uma espécie de maca, atando suas pernas aos coletes de Matthew e Stephens. O piloto boiava no meio deles, com a cabeça no colete de Sperber.

O Sol ia baixando no horizonte, provocando reflexos reluzentes, vermelhos e laranjas na superfície das águas. Silenciosamente, os quatro se mantiveram boiando, enquanto a corrente do Golfo os arrastava. Por fim, Matthew ouviu um som sumido e ritmado. «Que barulho é esse?»

Os outros nada ouviam. «Vejam!», exclamou o jovem, apontando eufórico para sul. «Um helicóptero! Vem direto para nós!»

Voando a baixa velocidade, o helicóptero vinha mesmo na direção dos naufragos. Mas gritando e acenando, eles verificaram, incrédulos, que o aparelho se limitou a passar por eles. «Como não nos viram?», perguntou Matthew. «Estavam bem em cima de nós!»

«Vistos do ar, não passamos de pontinhos», explicou Sperber numa voz desanimada.

COM O cair da noite, Betty Sperber começou a telefonar para amigos que

tinham aviões ou barcos, os quais, por sua vez, telefonaram a outros. Pouco depois, eram diversos os barcos particulares que se faziam ao mar. Quanto aos pilotos de aviões de pequeno porte que se ofereceram para as buscas, eles foram tantos que Betty teve de recusar alguns.

Para os quatro infelizes, a noite passava lentamente. A sul e a leste, a água era percorrida pelos faróis de busca de aviões e barcos, mas nenhum se aproximava.

Matthew estava ficando com sono quando o pai lhe disse: «Tente se manter acordado, Matthew. Seus ouvidos e olhos são mais apurados que os nossos e precisamos de você.»

Surpreso e feliz pela confiança do pai, Matthew respondeu: «Está bem, pai. Fique descansado.»

A água foi esfriando, até que se tornou realmente fria. Matthew tremia, tentando manter os olhos abertos e esforçando-se ao máximo para não pensar nos tubarões que havia naquelas águas escuras.

Com a madrugada, o frio diminuiu e a luz apareceu, mas, com o passar da manhã, sufocavam sob um sol escaldante. Para se protegerem, arrancaram os bolsos de suas camisas e colocaram-nos na testa.

Umedecendo os lábios secos com a língua, Matthew suspirou. Tinha sede e fome, e o roçar do colete pusera-lhe o pescoço em carne viva.

Era quase meio-dia quando ele ouviu novamente qualquer coisa. «Pai, um avião!» Pouco depois, o aparelho surgia no horizonte. Era um jato da guarda costeira. Quando

se aproximou, o grupo começou a bater na água e a acenar.

O aparelho estava a apenas 1,5 km de distância, voando em sua direção, quando, de repente, virou para oeste. Sperber baixou os braços. «Não nos viu», disse desanimado. «Só está fazendo um vôo de rotina.»

Mas, logo em seguida, gritou: «Olhem! Um barco!»

cerca de 100 m, continuava a não dar mostras de tê-los percebido. «SO-CORRO!», gritaram os quatro. «Ajudem-nos!» Mas o casal nem sequer olhou para eles, e o barco afastou-se.

Durante as longas e desesperadas horas que se seguiram, nenhum outro avião ou barco se aproximaram. Quando o Sol mergulhou novamente no horizonte, o oceano esfriou mais uma vez. Na noite anterior, houvera ainda energia suficiente em seus corpos para resistir ao frio, mas agora, fracos e desidratados, eles começaram a tremer incontrolavelmente.



Matthew boiava, meio adormecido, quando alguma coisa que mais parecia uma lâmina de barbear quente lhe bateu no braço esquerdo. Ao sentir os tentáculos escorregadios e esguios, ele gritou. Uma urtiga-do-mar!

Em sua direção vinha um iate enorme, do qual saía um som de música. Pouco depois, conseguiam já ver um homem e uma mulher, de copo na mão, ouvindo rádio.

«Estamos aqui!», berrou Stephens.

Colocando os dedos na boca, Matthew soltou um assobio estridente, mas a embarcação, agora a

Como conseguiriam agüentar outra noite nas águas escuras?

Matthew boiava, meio adormecido, quando alguma coisa que mais parecia uma lâmina de barbear quente lhe bateu no braço esquerdo. Ao sentir os tentáculos escorregadios e esguios, ele gritou. Uma urtiga-do-mar! O animal, rosado e em forma

de balão, flutuava a seu lado, estendendo os tentáculos venenosos para agarrar e paralisar sua presa. Enquanto o pai e o amigo o libertavam, Matthew soluçou de medo e dor.

«Pai!», gritou ele, histérico, «estou cansado, tenho frio e quero ir para casa. Não quero morrer!»

Puxando-o para perto de si, Sperber respondeu: «Nenhum de nós vai morrer. Alguém nos vai encontrar. Ouviu bem?»

Matthew olhou para cima. Ao luar, o rosto do pai parecia manchado de azul. «Matthew, eu...» A voz faltou-lhe. «Eu nunca lhe falo sobre isso, mas espero que saiba que gosto muito de você.»

«Eu sei», respondeu Matthew, agora mais calmo. Acontecesse o que acontecesse, estariam juntos.

Nas horas que se seguiram, o grupo caminhou para um estado deplorável de semiconsciência, enregelado demais para adormecer e demasiado cansado para se manter acordado. Langford, o mais fraco dos quatro, já não tinha muito tempo.

Na terça-feira, o Sol foi rasgando a escuridão, toldado por uma espessa camada de nuvens. Pouco depois, o vento começava a soprar e o céu voltou a escurecer. O mar começou a ficar picado, deixando-os em situação cada vez pior. Matthew fixou melhor o piloto ferido.

Então, Langford virou seu rosto sofrido para os outros. «Talvez devêssemos rezar», disse em voz rouca. Fecharam os olhos, e o piloto, enfraquecido, proferiu uma pequena oração pela salvação de todos.

Pouco depois, a tempestade re-bentava com toda a sua fúria sobre os quatro infelizes. Por entre a chuva que os açoitava e as ondas frias que os faziam subir e descer no mar, eles se agarraram uns aos outros. Desesperados de sede, tentavam apanhar a água da chuva com a boca.

Por fim, a tempestade passou e o Sol reapareceu. De repente, Matthew levantou a cabeça. «Estou ouvindo um avião!», anunciou. À distância, viam agora helicópteros de busca que regressavam à área.

Ficaram tensos. Aquela poderia ser sua última oportunidade. Sperber juntou então os relógios e os outros objetos metálicos. Talvez o radar os conseguisse localizar.

O aparelho encontrava-se agora quase por cima deles. Procurando chamar a atenção, Sperber levantou a mão, rodando o braço em movimentos circulares para mostrar os objetos metálicos. Na outra, tinha o cartão de crédito, cujos hologramas reluziam aos raios solares. Gritando, Stephens fez o mesmo com seu cartão. Quanto a Langford, utilizava ambas as mãos para acenar, ao mesmo tempo que Matthew batia com o colete salva-vidas na água com o máximo de sua força. Segundo pensou, talvez a espuma branca atraísse a atenção do piloto.

Pouco depois, o jato rugia por cima deles, desaparecendo em seguida. Passaram dois minutos, depois três... e nada!

«Lá vem ele outra vez! Todos fazendo espuma!», gritou Matthew.

Mais uma vez, açoitou a água pa-

ra criar espuma branca. Os outros fizeram o mesmo e, quando o jato se aproximou, Sperber gritou triunfante: «Eles nos viram!»

O aparelho lançou um foguete de sinalização que, ao atingir a água, lançou uma coluna de fumaça; os quatro irromperam em manifestações de euforia. Pouco depois, viam um helicóptero vir rapidamente em sua direção, aterrando de seguida na água, a 15 m de onde se encontravam. Um dos tripulantes mostrou-lhes um pequeno quadro-negro onde se lia: «UM DE CADA VEZ.»

Vagarosamente, os naufragos nadaram até o helicóptero, tendo Sperber e o amigo auxiliado Langford na tarefa. Ao meio-dia de terça-feira, tudo acabara.

OS QUATRO sinistrados, maltratados por queimaduras solares, foram levados para o hospital. Ao abraçar o marido e o filho, Betty Sperber soluçou de alegria. «Dois dias dentro d'água! É um milagre!», disse, chorando.

Mike e Matthew Sperber sorriram: «Rezamos um pouco», admitiu o pai. «É esse garoto... ele conseguiu dar um jeito numa situação daquelas!» Olhou então para Matthew e prosseguiu: «Você ganhou realmente o meu respeito, filho.»

«Pois é. Talvez agora o senhor não volte a ser tão exigente comigo», respondeu Matt.

«Pode ser que sim, pode ser que não», avisou o pai. «É que agora sei que você é duro...»

CONDENSADO DE «ADRIFT IN THE ATLANTIC», DO LIVRO «REAL KIDS, REAL ADVENTURES (2)», © 1994 DE DEBORAH MORRIS, PUBLICADO EM BROCHURA POR BROADMAN & HOLMAN PUBLISHERS, NASHVILLE, TENNESSEE. FOTO DE FUNDO, © DE JEFF TURNAU/SHARPSHOOTERS; RESTANTES, GEOFFREY MACCORMACK

Boas tacadas

NOS TEMPOS pré-históricos, o homem primitivo batia no chão com paus, soltando gritos pavorosos. Os antropólogos chamam a isto «expressão primitiva». Hoje chamamos a isso golfe. As pessoas fazem pouco dos viciados no golfe. Mas há um tempo para o trabalho e outro para a diversão. Assistir a um jogo é um prazer, jogar é diversão, mas trabalhar para ele é golfe.

— Larry Wilde, *The Official Golf Lover's Joke Book* (Bantam)

ENTRE as «regras» de golfe enunciadas em *Mulligan's Laws*, de Henry Beard, contam-se as seguintes:

- Uma partida de golfe é um teste da sua perícia contra a sorte do adversário.
- Se quiser, de fato, melhorar no golfe, comece a praticar mais cedo.
- Quanto menos perícia tem um jogador, mais provável é que tente ensinar a sua pancada aos outros.
- Se vir uma bola a cerca de 50 m de distância, não é a sua.

— Doubleday